ANO II — SABADO, 24 DE Março DE 1923 — NUMERO 69

VOZ DE GUIMARÃES

SEMANARIO REGIONALISTA

Administrador: — P.e Manuel de Freitas Junior

Redacção e Administração:
Casa Nun'Alvares—Rua da Republica, **Guimarães**

Director: — EUGENIO VAZ VIEIRA

Composto e impresso
Tip. Peninsular—Praça do Comercio, 17 a 19—**Figueira da Foz**

Editor: — Luiz Gonzaga Pereira
Rua da Republica — GUIMARÃES

Proprietaria: A EMPREZA DA VOZ DE GUIMARÃES

Recordar... é viver!

Ao Redactor das «Noticias Locaes», publicadas no n.º 32 deste semanario, prometi, em 27 de maio passado—ha quasi um anno, pois—a publicação de alguns artigos sobre a *Exposição Industrial de Guimarães*, em 1884.

Não me foi possivel faze-lo então, porque motivos obvios contrariaram a efectivação dessa promessa.

Julgo, porém, chegado o momento de satisfazer esse compromisso, tanto mais que, a ocasião me parece oportuna.

Estamos a pouco mais de 4 mezes da Exposição Industrial e Agricola do nosso Concelho,—mas, forçoso é dizê-lo; com tristeza o digo, nem todos os Vimaranenses ante-olham o enormissimo alcance Comercial, Industrial e Agricola desse *certamen* concelhio; nem todos, por essa razão medem as grandissimas responsabilidades que ficam pesando sobre o Comercio, Industria e Agricultura do concelho de Guimarães, se a Exposição deste ano não fôr em imponencia, grandeza e brilhantismo a digna e merecida continuadora da Exposição de 84.

Pessimismo?—Não! Sou por natureza—optimista; todo o meu anceio é que 1923 supére em muito 1884. É por isso mesmo,—porque anelo essa supremacia, que aliaz em nada deprime, antes fará avultar a importancia dos 39 anos decorridos entre uma e outra Exposição—é que neste artigo me proponho chamar a atenção dos leitores para o passado, certo de que *recordar... é viver*.

E preciso se torna que vivâmos o verdadeiro triunfo da Exposição de 84—para crearmos alentos e para que contribuamos *todos* para o bom exito da Exposição deste ano.

—:—

A Exposição de 1884, da iniciativa da Direcção da Sociedade Martins Sarmento, deve-se a Domingos Leite de Castro, um dos socios fundadores d'aquela sociedade. Foi ele quem apresentou a 1.ª proposta para essa Exposição.

Mas, «a alma da Exposição» foi o dr. Alberto da Cunha Sampaio «cheio de ardor e de brio, carateristicamente trabalhador» e que foi o diretor tecnico da Exposição.

Cito estes dois nomes porque eles merecem ser apresentados: o primeiro pela sua inicial proposta em 1882, o segundo pela sua extraordinaria energia, consentrando em si todo o trabalho da Exposição: consequentemente toda a responsabilidade do seu resultado, por isso lhe pertence o maior destaque.

Certo é que a Comissão Central e outros consocios da Sociedade Martins Sarmento e as comissões que foram nomeadas, prestaram «a concorrencia dos seus esforços, a lição do seu conselho». Não archivo os seus nomes nestas colunas. Os seus nomes estão gravados nas paginas do Relatorio de 84 que tenho ante mim e nelas vejo um nome queridissimo,—herança, que se outro motivo não tivera—o da causa que defendo me obrigaria concorrer na medida do quanto possivel as minhas limitadissimas forças a prestar todo o cuncurso á Exposição de 1923.

A' Exposição de 84 concorreram *40 classes de Industria Vimaranenses*, sendo 148 expositores, numero em que alguns estão mais do que uma vez incluidos, pela razão de terem apresentado mais de um producto, em mais de uma classe.

Os productos foram expostos em 9 salas, atrio e anexo e outras 3 salas no 1.º andar do Palacete Vila-flôr.

Da importancia da Exposição dão testemunho eloquente as referencias da Imprensa, e entre outros *O Comercio do Porto, Comercio de Portugal, Comercio Portuguez, Ilustração Universal, Jornal do Comercio, Economista*, e a *Correspondencia de Portugal*, a fóra os jornaes locaes *Religião da Patria, Imparcial, Espectador, Revista de Guimarães* e *Comercio de Guimarães* segundo a ordem porque foram publicados os artigos em **A Industria Vimaranense** *Folha Unica, Publicação da Imprensa Vimaranense*, que tenho presente.

E' no entanto digno de especial menção a proficientissima reportagem de elevado cunho literario, artistico e descritivo, dos 19 arfigos devidos á pena brilhante do falecido sr. dr. Avelino da Sílva Guimarães, pela minudencia com que se refere á Exposição de 84, pelo poder critico que esses artigos revelam e finalmente pelo entusiasmo que as suas palavras revestem, quando o assunto as necessita e merece.

A sessão de abertura—naqueles bons e saudosos tempos, em que a Presidencia da Camara Municipal de Guimarães era confiada a autenticos valores moraes e intelectuaes, como sempre a requeriam os importantissimos problemas do nosso conselho—presidiu o ilustre advogado sr. dr. Antonio Coelho da Mota Prego.

Das alocuções proferidas então, destaco a do sr. Barão de Pombeiro, Presidente da Comissão Central, os seguintes periodos:

As Exposições são um dos mais fortes elementos para rejuvenescer e aperfeiçoar as industrias.

Guimarães, uma das terras mais industriaes de Portugal e que se ufana de contar já em remotas eras artistas distintas, tinha necessidade que este elemento de educação a viesse bafejar.

. . . . . .

Mostrando Guimarães neste certamen quão valiosa é a sua industria em tantos diversos ramos, adquire um importante titulo para que o poder central lhe conceda a indispensavel proteção a que tem direito.

E da proferida pelo sr. dr. Mota Prego, Presidente da Camara Municipal, os seguintes:

Cabe a Guimarães a gloria de iniciar no paiz as Exposições concelhias, dando, por esta forma, uma prova cabal e plena do seu progresso.

. . . . . .

...é um arrojo conceber uma Exposição geral de um concelho de provincia, embora importante; mas circunscrever essa Exposição á Industria, e emprehender realisa-la com probalidades de exito honroso, é uma verdadeira temeridade, mas executa-la de modo que seja uma gloria para Guimarães, isso é um prodigio que assombra.

Oxalá, e com este voto confiante, sincero, ardente, patriotico e vimaranense termino este primeiro artigo, que ao inaugurar-se a Exposição Industrial e Agricola do concelho de Guimarães em 1923, possamos exclamar, com justo orgulho e merecida gloria para Guimarães, estas palavras triunfaes da alocução do sr. dr. Antonio Coelho da Mota Prego em 15 de Junho de 1884:

Esse arrojo, essa temeridade, esse prodigio, eil-a aqui.

Eugenio Vaz Vieira.

A Paixão de Jesus

A Egreja que, desde o cyclo liturgico da Páscoa, seguira Jesus no seu ministério apostólico, contempla em luto no decurso do Tempo da Paixão os acontecimentos dolorosos que assinalâram, na historia do mundo, o seu derradeiro ano (a semana da Paixão) e a ultima semana da sua vida mortal, a Semana Santa, em que agora entramos.

O odio dos inimigos de Jesus crescera dia a dia. O crime hediondo vai perpetrar-se e as ceremonias de Sexta-feira Santa memorarão o sangrento drama do Golgotha, anunciado pelos Profétas e pelo proprio Filho de Deus.

Assim é que a Liturgia pôz ante nossos olhos o paralelo frisante e claro entre as palavras de S. Paulo e dos Evangelistas ácêrca da Paixão e as tão nitidas profecias de Jeremias, de Isaias, de Jonas, de David e de Daniel. Aproxima-se o desenlace fatal. Os acentos de dôr da Egreja tornam-se de mais em mais comovidos e já a nossos ouvidos chegam as suas lamentações pelo Esposo Divino que já não existe!

Acumulam-se no horizonte as nuvens da tempestade. A fulminação da Justiça Divina vai caír, ferindo o Salvador que por amor de seu Pai e nosso amor se fez homem; e em virtude da solidariedade misteriosa que interliga todos os membros da familia humana, esse Deus fez-se carne para se substituir a seus irmãos culpados.

Jesus em Gethsémani é bem, como disse Mgr. Gay, o recètáculo de todo o lôdo humano, o esgoto da criação inteira. E trava-se na imolação redentora o duelo supremo: entre o principe da vida e o principe da morte. E Jesus triunfa n'essa expiação cujo significado mistico e humano não tem egual em todas as Religiões do mundo!

Jesus triunfa nas humilhações que sofre e abre depois na Resurreição a sua alma n'uma alvorada irrompente que iluminando a terra, vencendo Satan, arrasta comsigo para os pés de Deus os homens já limpos do pecado.

Acompanhemos, católicos, os passos do simbolismo das ceremonias da Egreja. Por eles e n'eles viveremos em Cristo e com Cristo Senhor Nosso.

A Cruz é o estandarte real. Somos filhos d'um país em cujo escudo resplandecem as cinco chagas. A bandeira imortal do cristianismo é tambem a bandeira de Portugal!

ÉCOS

Disse

ha tempos o sr. Sá Pereira que em Portugal só ha dois partidos: o democratico e o monarquico.

A falar com precisão, não são dois os partidos dos indigenas, mas apenas um — o democratico. Tudo o mais é fantasia... e sonho.

E só ha um partido, pela razão de só haver uma gamela. Os *historicos* e os *adesivos* que nele couberam, formaram o partido democratico. Os que chegaram tarde constituiram os restantes.

Andam estes agora a ver se se agrupam numa legião para a conquista do poder.

Parece-nos que se enganam. Nem juntos, nem separados lá chegam pelo seu pé.

Hão de lá ir quando os democraticos quizerem e governarão emquanto eles deixarem e para isso tanto fazia que estivessem juntos como separados.

De resto,

o *rotativismo faliu*, ou melhor, *passou* em toda a parte.

Passou na Espanha, na França, na Italia e até na Inglaterra, sua patria.

Em Portugal tambem já passou ha muito, morreu antes ainda da monarquia. Querer resuscita-lo é remar contra a maré.

Mais facil

nos parecia dividir o partido democratico, para o que havia dois processos: reduzir-lhe a *gamela*, com uma politica energica de *compressão* de despesas, de sorte a que ela não chegasse para todos, ou arrebenta-lo com a entrada nela dos restantes grupos.

Fracionado o partido democratico, entrariamos no regime chamado das *patrulhas* que não é tão mau como parece e em que todos teriam o seu papel.

Veio

isto a proposito do congresso Nacionalista, agora reunido em Lisboa para assentar definitivamente as bases do novo partido. Apesar dos foguetes lançados pelos entusiastas, não nos parece que saia dali grande coisa.

O partido liberal nunca foi coisa nenhuma.

Passou á historia deixando apenas como lembrança o ter servido de pretexto ao 19 de Outubro.

Queira Deus que ao seu herdeiro não venha a suceder coisa parecida!

X.

Procissão dos Passos

Conforme anunciamos, realisou-se no domingo, 18 do corrente, esta magestosa e imponentissima procissão.

A concorrencia ao templo dos Santos Passos, na noite de sabado ultimo foi verdadeiramente extraordinaria, e avultado numero de promessas e esmolas.

O templo ricamente ornamentado e com grande profusão de luzes, apresentava um aspeto de grandeza, sobresaindo a imagem do Senhor dos Passos rodeada de lumes e flores.

As alfaias, ricas e sumptuosas, colocadas na Egreja, são das mais notaveis do paiz e sempre admiradas. Durante a noite cantaram-se versiculos da Paixão e uma boa orquestra executou trechos adquados.

A procissão, como dizemos, foi magestosa, incorporando-se a R. I. dos Santos Passos e a Misericordia, ambas em duas longas filas de Irmãos, pelo meio das quaes iam distribuidos inumeros anjinhos com emblemas da Paixão.

De Viagem

Estão entre nós os srs. dr. Joaquim de Matos Chaves, ilustre clinico em Lisboa e dr. Antonio Augusto da Silva Carneiro Junior, digno delegado do Procurador da Republica em Gouveia.

Cumprimentamos S. Ex.as.

— Esteve em Barcelos o Sr. Padre Gaspar Nunes.

— Vimos ha dias nesta cidade o nosso querido amigo e ilustrado medico sr. dr. Gonçalo Bourbon.

A EXPOSIÇÃO

Comissão de meios

Em Lisboa foi organisada entre os vimaranenses residentes na capital a seguinte comissão de meios:

Luiz Antonio Pereira
Lino Teixeira de Carvalho
Sebastião Teixeira de Carvalho
Francisco Pinto de Queiroz
F. Aguiar, Limitada

A Lista da subscrição encontra-se no Teatro Politeama.

Comissario do Governo

Consta-nos que será nomeado um Comissario do Governo para a Exposição.

Ministro do Comercio

Foi convidado para inaugurar a Exposição o sr. Ministro do Comercio, que nesta qualidade foi nomeado Presidente honorario da Comissão Protectora da Exposição.

Em Lisboa

A fim de tratarem de assuntos que se prendem com a Exposição estiveram a semana passada em Lisboa, os srs. dr. Eduardo Almeida, João Rodrigues Loureiro, Francisco Martins e Domingos Martins Fernandes.

Concurso hipico

Ha quem lembre a realisação de um concurso hipico.

Bom seria que fosse um facto; mas... Guimarães parece-nos meio pequeno de mais para um concurso hipico... e dificil a instalação do hipodromo.

Verdade é que Guimarães, tem soberbas tradições de cavaleirismo, e a gineta foi sempre querida dos vimaranenses. Mas não se preparam *cavaleiros* e *cavalos* em 3 a 4 mezes para que possam *em numero* e *qualidade* honrar as tradições de Guimarães, nesse elegante e utilissimo desporto; e realisa-lo só com elementos de fóra... não achamos bem.

Mas nós somos *leigos* no assunto. Tem a palavra os *entendidos*, e para os quaes, digamo-lo em tempo, não emvolvem injustiça as palavras que ahi ficam.

Homenagem aos aviadores

Numa conversa a que ha dias assistimos, alguem lembrou que a melhor ocasião para inaugurar a placa comemorativa da viagem aeria Lisboa-Rio de Janeiro realisada pelos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral e da iniciativa da Camara Municipal de Guimarães, que por subscrição publica a mandará esculpir num dos mais gigantescos penedos da Penha, seria no dia da Peregrinação que anualmente se realisa no 2.º domingo de Setembro, e que á formosa Montanha chama milhares de pessoas.

Julgamos aproveitavel a ideia, porquanto, essa inauguração poderia realisar-se duas a tres horas depois de terminado o ato religioso da Peregrinação.

E assim, essa merecida homenagem aos gloriosos aviadores seria imponente como o ato requer para que seja verdadeiramente concelhia a consagração.

Comissões nomeadas

Brevemente será dada publicidade aos nomes que compõem as diferentes comissões nomeadas, para os varios assuntos a tratar na preparação e trabalhos da Exposição.

Informações

Algumas das informações que publicamos são de origem oficiosa. Outras, publicá-las a titulo de lembranças, parece-nos contribuir para o brilhantismo da Exposição.

Essa é a missão da Imprensa. Apresentar ideias para que as Comissões nomeadas as joeirem e aproveitem as que sejam realisaveis.

Mas para que não se estabeleça confusão no espirito do publico, declararemos sempre quaes as informacões de caracter oficioso. As que publicamos neste numero com essa qualidade são: *Comissão de meios, Comissario do Governo, Ministro do Comercio e Comissões nomeadas.*

Industrias

Lemos no «Ecos de Guimarães» em artigo de **Z** que a parte *Industrial* da Exposição conta já *com a representação de cincoenta industrias diversas.* Por este numero se vê claramente a importancia desta secção, á qual concorrerão, certamente ainda mais Industrias Vimaranenses.

Ha por esse Concelho *Industrias caseiras* que podem e devem concorrer.

Brevemente nos ocuparemos deste assunto.

Marcha Milaneza

Realisaram-se já importantes preparativos para a realisação da feérica Marcha Milaneza, inquestionavelmente um dos numeros mais apreciados das Festas da cidade, e á qual a Associação de Classe dos Empregados do Comercio, dá sempre o entusiasmo e imponencia que tornam a Marcha Milaneza o mais surpreendente cortejo luminoso que se realisa no nosso paiz.

Concurso pecuario

Queria-nos parecer bem que este ano se désse uma maior importancia á feira de gados que costuma realisar-se nos dias, sabado, domingo e segunda primeiros de agosto.

O essencial para isso, seria que *os premios* fossem de quantias bastante superiores ás dos anos passados.

E ainda que para esses premios houvesse a necessaria propaganda devidamente antecipada. Para assim ser poderiam prestar coadjuvação a Camara Municipal, Associação Comercial e o Sindicato Agricola.

Já não queremos falar na do Estado... mas a verdade é que a principal parte a este deveria pertencer. As Exposições, os Concursos pequarios etc. são importantes elementos de fomento nacional.

Ao Estado compete, por isso, *o maximo auxilio* ás iniciativas que se proponham desenvolve-lo.

Ornamentações

Estão a concluir os projetos de ornamentação de ruas confiados á competencia da respectiva Comissão tecnica, constando-nos que serão magnificas e originaes essas ornamentações.

"Voz de Guimarães,,

Da Administração
aos
Senhores Assinantes

Vamos proceder á cobrança, **em atraso,** *do 1.º ano do nosso semanario. Por esse motivo rogamos aos senhores assinantes o favôr de satisfazerem a importancio das suas assinaturas quando os respectivos recibos lhes forem apresentodos.*

Alguns desses recibos são enviados pela **3.ª vez,** *outros pela* **2.ª vez.**

A' falta de pagamento corresponderemos suspendendo a remessa do jornal.

LÁ POR FÓRA

Hora de espectativa. No Ruhr entra um novo factor: o atentado pessoal e o crime dinamitista. Tiros isolados de pistolas alemãs sobre funcionarios e oficiaes da ocupação. As tropas francezas retorquem violentamente em represálias. Fala-se na distensão da zona ocupada até Francfort onde a eminencia deste acto provocou o pànico. Ebert, o presidente substituto dos Hohenzollern proclama a intransigente resistencia, á valentona. Que se passa porém, entre bastidores?

Stinnes foi para a Inglaterra mais outro magnáte da industria fazer evidente propaganda de uma plataforma de conciliação destinada antecipadamente a embotar o gesto francez e a satisfazer parte da opinião britanica que, embora não acreditando que da ocupação do Ruhr resulte para a França qualquer beneficio positivo, deseja que a Alemanha se disponha a conversar. Antevendo a manobra, a França e a Belgica combináram-se na conferencia de Bruxellas para que a eventual apresentação de propostas d'Além-Rheno as não topasse desprevenidas. Sómente, nas suas resoluções ha um calcanhar d'Achilles: França e Belgica assentiram em que a resolução seria tomáda, acêrca das propostas, não só por elas ambas, pela Inglaterra e pela Italia que, descrentes da finalidade da ocupação, influirão em que aquelas duas interessadas aceitem ao menos... não esmagarem a Alemanha. Deem ao problema as voltas que quizérem, a situação é esta. Maurras tem razão. Foch tem razão. A Alemanha só cederá perante a força. Aquilo que ela mais deseja neste momento é ganhar tempo .. para a desforra.

E' esperando pelo desanuviamento da atmosfera (o governo inglez tem já fraca maioria no parlamento) que a Inglaterra ainda não emitiu claramente a sua maneira de pensar sobre as Kemalistas quanto ao Proximo Oriente.

E nós que havemos de fazer senão esperar tambem?...

X.

◇

Contra os bebados na Inglaterra

A Camara dos Comuns, na Inglaterra aprovou por 282 votos de maioria uma lei que proíbe a venda de licores ás pessoas de menor de 18 anos de edade. o projecto foi apresentado por uma *deputada*, Lady Astor e os debates foram muito interessantes. A certa altura, Lady Astor exclamou: "Tenho bastante do demonio em mim para me fazer querer uma coisa quando m'a recusam... Os senhores são ainda todos creanças, e creanças de creanças. E nós mulheres amamos-vos porque sois creanças."

No fim da votação o resultado foi saudado com prolongados aplausos da Camara.

Quem nos déra cá uma lei que proíbisse a venda de bebidas alcoolicas não só ás pessoas de menos de 18 anos, mas a toda a gente, pelo menos nos dias de eleições! Quando o eleitor cambaleia, como ha-de andar direito o paiz que ele governa elegendo-lhe os legisladores?...

◇

Dramas do mar

Chegaram á Escocia 12 marinheiros que passarm no mar aventuras horriveis. Tendo saido ha mezes para a pesca nos mares do Norte, deram á costa na Russia, na Murmansk, e ahí lhes deu caça uma canhoneira bolchevista. O vapor apagou as luzes e conseguiu safar-se, sendo mais veloz que a canhoneira. Três dias depois faltou-lhe combustivel; depois, comida... Passaram a comer até ratos e alguma gaivota que apanhavam. Fracos e irritados, os homens mal se podiam ver uns aos outros e por nadas questionavam.

Bebiam apenas um trago de café por dia e fumavam o pé do café! Sofriam já todos desinteria e estavam em risco de morrer de fome quando uma traineira alemã os salvou.

Na Escocia, já dados por perdidos, tinham sido celebrados oficios de defuntos por eles!

As scenas das «viuvas» esperando os maridos no caes, foram emocionantes.

◇

Aeroplano abastecido no ar

Em Mitchel Field, Estados Unidos, fêz-se a semana passada uma experiencia de aviação: um *Courier* do peso de menos de 1.000 libras engatou numa especie de trapesio pendente doutro aparelho maior, durante um vôo em varias altitudes, e operou assim 8 contactos, passando para o aeroplano de cima mantimentos e objectos necessarios.

◇

Ha no mundo 20.000 publicações scientificas

O Museu britanico vae publicar um indice das publicações scientificas de todo o mundo, que são umas 20.000. Espera-se que este indice, que se chamará *The World List of Scientific Periodicals* prestará relevantes serviços a todos os estudiosos em todos os ramos do saber humano. Se este empreendimento tiver exito, a riqueza de materiaes novos que aparecem só na literatura periodica será em breve tomada acessivel ao maximo numero de leitores.

Está dicto. Vamos asinar...— com a libra a 112.000 reis...

◇

O campeonato dos colecionadores de estampilhas

No proximo maio haverá em Londres uma exposição internacional de filatelismo, ou colecionação de estampilhas. Já foram recebidas centenas de requisições de lugares, de todo o mundo. Ha coleções avaliadas em 20.000, 50.000 e uma 100.000 libras esterlinas. A exposição é a primeira no seu genero desde a guerra, e nela se decidirá o campeonato do filatelismo em todo o mundo.

◇

Uma cidade para namorados em vesperas de vias de facto

O sr. Picton, merceeiro na Wycombe, Inglaterra vai construir uma cidade ou antes: 30 casas, que serão a primeira serie—como no rapido Lisboa-Porto—destinados a receberem 30 pares de pombinhos, em vesperas de casamento. A cidade será constituida com o fim de fixar os novos casaes, e a propriedade das casas será conferida mediante rendas nominaes e só para familias operarias. Chamar-se-ha *Pictonville*, do nome do filantropico merceeiro.

E a verdade é que lhe podia dar para peor...

Miudezas

Morreu a rainha Milena do Montenegro.

—Em Gibraltar, por causa dum cigarro, explodiu um torpedo a bordo do Coventry. 3 mortos e muitos feridos.

—O rei de Inglaterra jantou ha dias com 22 generaes, em casa do Duque de Derby. Devia ser bom o... rancho.

—Um sr. Rogers expôs numa conferencia em Londres os bons resultados que obteve no tratamento da lepra pelo oleo de figado de bacalhau.

—No mês de fevereiro houve na Irlanda 24 incursões, 56 incendios, 24 edificios dinamitados, 33 ataques ou emboscadas contra os soldados governamentaes, 20 apreensões de armas e explosivos, sete tentativas de incendio fracassadas, 60 pontes destruidas, 24 ataques contra comboios ou vias ferreas, 24 roubos á mão armada, 33 mortos e 30 feridos.

—Lord Carnavon o descobridor das preciosidades egipcias, adoeceu mordido por um insecto.

—Ardeu completamente o teatro de Wisbaden, Alemanha.

—O presidente Harding dos Estados Unidos, propõe-se para ser reeleito.

—Em Petrogrado foram fuzilados varios ex-oficiaes e o comandante da esquadra do Baltico, Schuchvossol e o medico da mesma, por terem dilapidado o cofre da marinha. Em Kharkoff foram tambem executados pelos bolchevistas 84 membros da organisação Prosvita.

—Telegramas de Atenas, Grecia, dizem que grassa ali uma epidemia que enlouquece, dando-se uns mil casos de loucura por dia. Isso já cá anda ha muito.

—Em Londres—estatistica publicada ha dias, ao votar-se a lei do alcool a que acima nos referimos—bebe-se por dia isto: 940000 litros de cervejas 24000 litros de vinho, 63000 de licores e 230000 litros de bebidas gazosas e mais de 80000 libras de chá.

Dos bastidores

D. Carlos e a Condessa de...

Da notabilissima chronica politica de Nuno de Montemór no 6.º numero da *Nação Portugueza*, a brilhante revista de cultura nacionalista, sem duvida a primeira do paiz, pedimos licença para transcrever o seguinte:

«Numa das ultimas festas da Côrte, realisada no Paço de Belem, dizia El-Rei D. Carlos a um amigo intimo, ao vêr entrar no salão uma alta dama da aristocracia:

—Quando vejo esta mulher, tenho a sensação de que me passam uma navalha na espinha.

Na voz triste e grave do glorioso rei não fulgiu um vislumbre de ódio.

—Mas Vossa Magestade é o dono da casa, tem direito a escolher os seus convidados.

—Não .. deixa lá...

Estava-se já em plena dictadura contra a *Carta*. Passado algum tempo, El-Rei e o Principe Real cahiam fuzilados pelas balas que os politicos e os jornaes constitucionalistas tinham metido na carabina do Buiça. Estendidos no Arsenal, como duas féras, num lago de sangue, El-Rei estava já morto e o Principe estremecia ainda quando chegou junto d'eles, palido e nervoso, o Conde Tatenbach, ministro da Allemanha, seguido de perto pela mesma fidalga que poz os olhos duros e raivosos nos corpos sangrentos dos dois mártires.

—Senhor Ministro, disse ela, aqui tem a politica de João Franco! Agora vae v. ex.ª vêr *a nossa politica*...

E não teve uma palavra de magua, nem uma censura ao atentado caíu dos labios d'aquela mulher que, por uma tal phrase se afirmou ser um dos chefes que no Paço atraiçoavam a politica forte e honrada do grande Rei. A sua lingua de serpente deve ter-se alongado como uma fita vermelha, a lamber o sangue regio do Arsenal. Deante d'aquela mulher que, n'aquela hora, parecia incarnar contra o Rei anti-liberalista, a figura da *Carta Constitucional*, o Conde de Tatenbach baixou a fronte, e as lagrimas cairam-lhe pelas fáces sem um comentario. Pouco depois entrava no gabinete de João Franco, a quem dizia, pesarosamente apertando-lhe as mãos:

—*Meu caro Amigo: a monarchia portugueza...*

E deixou cahir os braços n'um gesto que queria dizer: *morreu!...* Chegara a vez de José d'Alpoim, de Teixeira de Sousa, de Ferreira do Amaral, de todo o paiz liberalista. Era a vez da *nossa politica*. E a *nossa politica* começou por o novo rei assignar um documento onde se confessavam os *adeantamentos* á Casa Real, numa hora em que esta palavra significava *roubo!* Já então o senhor D. Manoel de Bragança tinha vinte anos!...»

Frederico Ozanam

Fundador da Sociedade de S. Vicente de Paulo

(A proposito do movimento actual para a sua beatificação)

Devemos trabalhar!

Em carta de 9 de Abril de 1851, escrevia Ozanam a um amigo:

«—...Caro amigo, nós não temos bastante fé; estamos sempre a esperar o restabelecimento da religião pelas vias politicas, estamos a sonhar com um Constantino, que de repente e por seu unico esforço traga os povos ao gremio da Egreja. E' que sabemos mal a historia de Constantino, que ele se fez christão porque precisamente mais de metade do mundo já era christão, e que a multidão de sceptícos, de indiferentes, de cortesãos, que o imitaram aceitando o christianismo comsigo trouxeram a hypocrisia, o escandalo e o relaxamento.

«Não, não, as conversões não se realisam por força de leis, mas pelos costumes melhorados, reformados, mas pelas consciencias que é preciso assediar uma a uma. Vêde dous grandes exemplos, Paris e Genebra, duas cidades onde desde 1830 a 1848 não se promulgou uma só lei a favor do catholicismo, e onde a volta das almas se realisa com uma força, com tanta perseverança que a todos admira.

Vêde os Estados Unidos, vêde a Inglaterra, a Allemanha. A fé, podemos dizer, que só prospéra onde ela acha governos tolerantes ou inimigos. Não devemos pedir a Deus maus governos, mas tambem nos não devemos esforçar para ter um que nos desobrigue dos nossos deveres, encarregando-se de uma missão que Deus não lhes deu junto das almas dos nossos irmãos—*Unus quisque proximo suo auxiliabitur, et frari suo dicet: confortare.*—Cada um auxiliará o seu proximo, e dirá a seu irmão: esforça-te. Et mandavit Deus illis unicuique de proximo suo. E lhes ordenou Deus que cada um tivesse cuidado do seu proximo.

«Continuemos, desenvolvamos cada vez mais o proselytismo pessoal, e detestemos esta fraqueza, esta tentação de preguiça e de desanimo que nos faz esperar socorro somente do proselytismo legal».

...Ah, meu caro amigo, aprendamos principalmente a defender a nossa fé, as nossas convicções; Deus quer ser servido hoje, como sempre! Lastimemos menos o nosso tempo, porque nós é que merecemos a maior lastima.

Sejamos menos desanimados, e tornar-nos-hemos cada vez melhores».

Ainda ha brio portuguez?

A' voz alarmada de Trindade Coelho que não tem hesitado em atirar para publico factos e factos reveladores de que um grave perigo nos rodeia pelas fronteiras de norte e léste, o paiz cahiu positivamente das nuvens, e começou de pensar que o *hymno do 1.º de Dezembro* não é aquele alvo de laráchas que os irreverentes de cafés miram seus chascos, nem motivo bastante para as caricaturas do Eça, nem o drástico famoso do tempo do Marquez de Valládas que o Fialho expediu para a imortalidade das anedotas em duas paginas mordacíssimas dos *Gatos*.

Tal facto, já conhecido dos combatentes da Grande Guerra que em dezembro subiam em Lisboa, a Avenida para saúdar o obelisco dos Restauradores, deixa-nos aturdidos, espantados, como a entrada repentina num mau sonho. Importa porém que dele tiremos as conclusões e as lições. São dolorosas? Sem duvida. O paiz tem vivido quase inteiramente alheio á governação dos seus negocios. Cuida das terras, comercía, fez-se industrial, trata de espreitar a tabolêta do preço dos generos, e só não trata de bombas porque esse oficio está arrematado por uns quantos salvadores humanitarios da *Ideia Livre*, precisamente porque o desporto fisico anda em moda e nunca ele foi menos pezado, desde que aquela *negregada* lei de 13 de fevereiro foi rasgada aos bocadinhos ha doze anos em holocausto aos sagrados principios — que Deus haja!

Perdeu se o civísmo. Do civísmo, em Portugal, só restam a policia cívica e os grupos civís. Nada mais. A nação transformou-se naquele typo de alárve albardado que o lapis do Bordallo foi surprehender n'um dia de eleições, fóra de portas. Nunca mais se falou na Patria senão em sermões de estrondo a grande instrumental, em discursos academicos (quando concorria ao efeito) e nos panegíricos dos estadistas que lhe haviam sugado o sangue. De Lisboa, os grandes *reformadores* conhecem o paiz pelas côres do mapa e pelo endereço dos caciques. Um mez antes das eleições, mandavam as cartinhas do costume a dizer: *vote*, e trez mezes depois a soberanía nacional aparecia a subir o Chiado, perguntando pela morada do *sr. Conselheiro* ou, como agora se diz, pelo Centro onde pezava o *grande vulto*.

Desta maneira, o paiz nunca poderia sentir a sua crise. A guerra, lição transcendente da expiação duma raça em desvairo, foi apenas uma má hora que deu aleijados ou doidos p'rás aldeias. Durante essa imolação providencial, o paiz dividiu-se: ficou metade da população a explorar a outra á sombra do cambio azoratado. No parlamento, dizia um *blagueur*, só havia duas especies de representantes... da Nação: aqueles que a Moagem pagava e aqueles que eram pagos pelos inimigos da Moagem. Os colossos da imprensa vendiam-se como escravos e perdeu-se assim um belo dicto do Mariano: o de que a opinião publica é a opinião que se publica, porque nem mesmo hoje se publicam opiniões, mas tam só anuncios e escrituras de sociedades para negocios de logro e aventura.

Conseguirá a presença do perigo nas fronteiras quebrar esta doentía indiferença, sacudir no fundo d'alma do povo aquela vontade de viver que é a afirmação da sua personalidade historica e da qual só a revezes tem vindo á superficie como uma passageira resonancia, quando esporadicos e isolados feitos, como o da travessia do Atlantico, atestam, mercê de Deus, que não se perdeu ainda o sentido, a vocação portugueza e que a Grey ainda guarda em elaboração e continuidade persistentes uma misteriosa dinastia de sacrificados e de eleitos?

Trindade Coelho, do mesmo modo que denunciou o perigo, entoou ha pouco um hymno de confiança no germinar de uma vida nova que parece, a seu dizer, como o primeiro abotoar de uma esperança, como o clarão precursor duma alvorada nova. Necessario é no emtanto que não se espere por uma lenta eclosão dessas vitalidades em germen. Não! Forcemos, amparando e ajudando, a ideia nacional do Resurgimento e os seus arautos, agitemos de lês a lês do paiz a palavra forte da independencia.

E por Deus! que haja nessa Lisboa plétorica de politicos e insurrectos, de mangas-d'alpáca e videirinhos, ao menos um homem que evite de vez essas indecorosas scenas parlamentares de ha poucos dias em que o brio do exercito aparece arrastado pela mão duma mulher de baixa estôfa até á parada dum quartel, até a tabernorios de jogatina, e até á vasa das vigaríces de carteiristas, em nome... dos mutilados da Guerra!

Que ao menos não supúre cá para fóra a babuge que infla o côma publico, para que na raia, a despeito da vergonhosa libertação dos prisioneiros de Marrocos (ó sombra santa do nosso Infante Santo, ergue-te bem alto sobre os muros de Fez!) não estale a escarcalhada de mais uma afronta, contra as faces lividas desta Patria indefêsa!

O correr dos anos

A' futura Ex.ma Sr.ª D. Laura Pereira Dias de Carvalho (Fraião), provisoriamente : : : «A LAURINHA» : : :

O teu constante aumento de volume,
Laurinha, *cada vez que te revejo*
no carro, francamente, dá-me pejo
de te furtar o beijo do costume.

E' preciso, portanto, que se arrume
a brincadeira, o nome e mais o beijo.
Passo a chamar-te Laura; *mas desejo*
que a D. Laura, emfim, tambem se aprume.

No electrico viremos lado a lado,
tu muito séria, eu muito perfilado,
tu feita mumia, eu feito um lord inglez.

Mas tu depois tambem, olha o que fazes!
Se casas com algum dos meus rapazes
temos Laurinha *e beijos outra vez!*

Y.

O Sr. Arcebispo de Evora

vae ser eleito sócio : : da Academia : : das Sciencias :

Pelo presidente da ilustre Academia, sr. dr. Julio Dantas foi dado já parecer favoravel á entrada por eleição de S. Ex.ª Rev.ma o sr. D. Manuel, Arcebispo d'Evora, nesta alta corporação scientifica.

Conhecemos, em velha amizade, sempre animada por profunda admiração, o apostolico e talentoso Prelado evorense, a quem o unanime consenso de seus colegas com pleno aplauso da Santa Sé, incumbiu da redacção do notavel documento que é a ultima Pastoral Colectiva do Episcopado. Não nos é pois, indiferente que S. Ex.ª Rev.ma receba a condigna homenagem de seus muitos merecimentos. O sr. dr. Manuel Mendes da Conceição Santos, Arcebispo de Evora é uma figura destacante nos nossos meios intelectuaes, e uma figura de importante relevo neste tournant *da historia da Egreja em Portugal, em cujo nome tem intervindo com progressivo prestigio junto dos governos, e na direcção da acção catolica no nosso paiz, de harmonia com as vistas da Santa Sé e com os interesses nacionaes. A S. Ex.ª Rev.ma, as nossas homenagens.*

A vida é tão curta para os oprimidos como para os opressores: as coisas da vida são mais curtas ainda e Deus dispol'as de tal maneira que todos conduzem á sua justiça eterna. *Venillot.*

AO-DE-LEVE

Num album

Disse alguem que a vida é a religião dum pensamento da mocidade. O fruto antes de ser fruto, foi flor. Felizes aqueles cuja alma florir em nobres aspirações, na primavera da vida, porque o seu outono será abundante de bençãos.

*

Os nobres sentimentos é que fazem nobre a vida. A alma é a grande realidade: o valor das nossas acções vem-nos dela, como da ideia o da palavra.—Os que não tem vida iuterior são como automatos—vivem fora de si mesmos...

*

Dentro de nós, se nos escutarmos bem, ouvirmos a afirmação duma vida superior a nós mesmos, que aspira a elevar-nos, a exceder-nos, a perpetuar-nos. Para a ouvir é preciso impor silencio á matilha das nossas paixões Ouvindo-a, somos conduzidos a Deus.

*

Deus define-se como a Verdade, a Beleza e o Bem. Deus só se revela aos que O procuram: e ninguem O pode procurar senão na verdade, na beleza e no bem. Quem O procura, já O possui de algum modo. Como disse Pascal: «não Me procuaarias, se Me não tivesses encontrado»!

*

Nosso Senhor Jesus Cristo é o Mestre e o modelo de toda a perfeição. Todos os que completamente O ignoram, reparem!, no espirito ou no coração revelam alguma falha, como disse Maine de Biran. Ele não terá nunca toda a Sua beleza senão no coração dos que O amam. Mas ha cristãos que parecem sê-lo, só para O desacreditarem!

*

Como disse Riné Bazin na Academia Franceza, através da alma das mais belas almas dos tempos cristãos reflecte se sempre a imagem adoravel de

Nosso Senhor Jesus Cristo

M.

Para contemplar as leis eternas do mundo e amado o que é digno de ser amado, vale bem a pena ter vivido. — *Littré.*

✤ Não é bom que tudo nos corra bem. Quando tudo nos sorri no mundo nós ligamo-nos demasiado facilmente a ele e esse encantamento é perigoso. Eis porque Deus, por seu muito amor para comnosco, não permite que dormâmos tranquilos neste logar de desterro. — *Bossuet.*

✤ Um cristão que se contenta com cumprir com relativa pontualidade, a parte ritual da religião, sem se preocupar com a salvação de seus irmãos nem extender o reino de Deus, é apenas um christão falsificado.

O homem foi feito para adorar. E' preciso que ele adore. Por toda a parte onde Jesus Christo ainda não apareceu, reinam os feitiços. Espulsa-se Christo? Reerguem-se os fetiches, dominam as paixões, imperam os tyranos, voltam os deuses pagãos. *Luiz Venillot.*

OS NOSSOS CONTOS

O REMORSO

Versão de D. Isabel Bivar

Mathilde Vauverte, a mais linda e rica rapariga do logar, pensaria seriamente no compromisso que tomava, oferecendo a sua mão, no meio do entusiasmo dos primeiros soldados que partiram para a guerra, — ao mais valente dos que voltassem? Com toda a certesa não passava de uma palavra no ar, que ela, brincalhona a leviana de seu natural, atirava de envolta com flores e palavras de despedida. No entanto, ao pronunciá-la, o seu olhar poisou-se em Pedro Belon; mas logo fez uma careta e endureceu o olhar.

Ora! Que lhe importava isso, se ela não gostava de Pedro, ainda que levasse vantagem aos outros? Mas não era já bastante êle tomar parte na radiante promessa? Ele o mais pobre e sem familia, de quem ela costumava zombar, talvez com medo de ser amada, e para que ele se não atrevesse a confessar o seu amor? E, para o exceptuar, arredou dêle o sorriso e as flôres.

O profundo olhar triste, que o mancebo demorou sobre ela, bem despertava um remorso; mas o comboio abalou, no meio duma derradeira aclamação. E Matilde esqueceu.

O seu pensamento acompanhava os outros. Evocava-os, a cantarem debaixo das balas.

Parecia-lhe a guerra um drama heroico e generoso donde se volta sobraçando bandeiras e de louros na fronte; ou um painel semelhante aos quadros de batalhas que ela tinha visto reproduzidos nos seus livros da escola. Mas bruscamente rasgou-se a tela, e deixou a descoberto a terrivel realidade; não a guerra, mas a ressurreição das ferocidades antigas das cavernas e dos sertões, a irrupção selvagem de dementes e assassinos, soltos das prisões e das galés.

O sorríso apagou-se-lhe dos labios.

Se agora considerava com mais fervorosa admiração aqueles que haviam partido, egualmente os lastimava e sofria com eles: e a angustia universal e os lutos empanaram a recordação da bela promessa, feita a sonhar, atirando flores!

De todo esse passado só restava a pena causada a Pedro: e, dia a dia, crescia o remorso. Não partira o pobre rapaz triste e desanimado? E não se batia ele por ela e ao mesmo tempo por todos? A ingratidão andava de mãos dadas com a maldade. Depois sobreveio-lhe uma inquietação. Se Pedro, por causa dela, desesperado, procurasse a morte? Ai, se ela podesse reparar o mal..., se soubesse o paradeiro dele, mandava-lhe flores, todas as flores do seu jardim. Mas onde estaria Pedro? Nem ela sabia a que regimento ele pertencia e ninguem na aldeia o sabia dizer.

Uma tarde começou a correr uma noticia: Pedro acabava de chegar; doente, sem uma perna, mas condecorado com a medalha militar. Matilde correu a casa do mutilado. Os visinhos apertavam-se em volta dele. Não se atrevendo a interromper as conversas, deixou-se ficar para traz, como envergonhada, esperando que todos se retirassem.

—Pedro, — disse ela então —, já algumas vezes fui má para ti! Com certeza te dei desgostos!

—Desgostos! — respondeu Pedro —, ah! sim, algumas vezes! Mas agora posso-t'o confessar, agora que tudo o que eu disser já não pode ter consequencias... Lembro-me, sobretudo, do dia da partida, quando tu repartias flores!...

—Perdoa-me, Pedro!

Não te quero mal por isso.

—Mas eu é que estou arrependida, —suspirou Matilde. —Visto que te lembras desse dia, não te recordas tambem de eu ter prometido a minha mão ao mais valente? Não queres, Pedro, lembrar-me essa promessa?

—Não me era dirigida! — respondeu o ferido.

—Era, sim; a ti, como aos outros.

Pedro meneou a cabeça.

—E eu não fiz mais do que eles.

—Perdão! A tua medalha!... E, além disso, estás só... e doente!

—Posso ainda trabalhar, e tenho a pensão!

—Mas quem hade cuidar da tua casa? quem hade preparar-te a comida?

—Eu!

—Quem hade cuidar de ti?

—Agora já não preciso de cuidados!

Matilde estava prestes a chorar.

De subito subiu-lhe do coração este grito:

—Quem te ha de amar?

—Ninguem!—respondeu Pedro, tristemente.

—Ninguem, não! Eu!—replicou Matilde.

E como Pedro, empalidecendo de subita comoção, parecia duvidar:

—Não creias, — disse ela, que é por simples fidelidade a uma promessa feita levianamente, nem julgues que cedo á impressão dum momento. Quem sabe se já era amor a minha maldade de então? Mas, quer seja o remorso, quer seja a tua bravura, que fizeram luz sobre os meus verdadeiros sentimentos, é só a ti, Pedro, que eu quero para esposo; e se me recusares, nunca mais serei feliz!

Pedro, curvou a cabeça e apontando para a perna:

—Apesar d'isto?—interrogou, com um leve tremor na voz.

—Oh! Pedro!—atalhou Matilde.—Eu podia dizer-te, ao contrario: «Por causa disso!» E o teu defeito, seria uma razão a mais, para eu te querer. Mas a melhor razão, a verdadeira e unica, é simplesmente, porque te amo!

E, inclinada para ele, oferecia-lhe com um sorriso grave; a linda flor dos labios.

JEAN REIBRACH.

Pelo mundo católico

O Episcopado francez

A 27 e 28 do mez passado reuniram em París, em assembleia geral, os Cardeais e Bispos de França. Na vespera os Cardeais de Reims e París e os Arcebispos de Cambrai, Bourges, Sens e Tours haviam preparado a ordem do dia, e n'aqueles dois dias em largas sessões quotidianas foram versados variádos problemas de cuja discussão e resoluções veiu a público uma nota oficiosa — costume este que bem merece ser tomado como exemplo em reuniões episcopais, para que cá fóra não tenham expansão desencontrados e perniciosos boatos.

Após telegrama ao Papa, que lhe respondeu nos mais efusivos termos, deliberou sobre a instituição d'um catecismo universal que facilitaria o ensino da doutrina sem necessidade de se basiar de formula.

Em seguida foram apreciados a organisação das obras religiosas e os correspondentes interesses interdiocesanos; as obras do Oriente que reclamam auxilio da generosidade dos fieis; as associações dos páis de familia; os trabalhos dos outros episcopados, sobretudo do da America, da Inglaterra e da Polonia.

Acentuou-se a denunciação do *modernismo moral, juridico e moral*, o erro da hora presente apontado pelo Papa; abordou-se a crise da natalidade franceza cujo remedio depende do cumprimento rigoroso das santas leis do casamento, e a missão do clero para as Missões que tão preciosas se tornam.

Foi reprovada a chamada educação sexual fóra da moral religiosa e os métodos de iniciação pública e colétiva da infancia, quer pela escola, quer pelo livro, quer pela imagem ou conferencias, pois que essa iniciação pertence aos páis ou na falta dêstes a pessoas de sua confiança.

Tais foram, em resumo, as resoluções da magna assembleia dos Cardeais, Arcebispos e Bispos da França, sempre tida como a filha primogénita da Egreja.

* *

A desafronta d'um sacrificio

O tribunal corrécional de Montpellier (França), sentenciou ha pouco no processo de difamação movido contra o jornal radical da mesma cidade *Le Petit Meridional*, por 176 eclesiásticos d'essa diocése, todos antigos combatentes, mutilados ou feridos na grande guerra e a maior parte dos quais condecorados com a Legião d'Honra, Medalha Militar e Cruz de Guerra, que aquéla gazêta tinha insultado chamando-lhes *embuscados*.

O jornal foi condenádo em perdas e danos, em 75 francos de multa e na publicação da sentença em todas as suas edições.

* *

Morte d'um denunciante

Faleceu em França o célebre Vadécard, radical sectario do tempo do combismo e maçon graduado, o autor das não menos célebres *fichas* com os nomes de funcionários e oficiais militares denunciados como pessoas de sentimentos religiosos á ira de Emilio Combes que por isso queria, e a alguns ainda conseguiu expulsar de seus cargos e das fileiras.

Todos decerto se recordam ainda de que a revelação d'essas listas de proscrição causou enorme indignação em todo o mundo. A Associação anti-maçonica internacional conta como o deputado Guyot, de Ville Neuve, as descobriu na pasta do chefe da conspiração sinistra, o agora falecido Vadécard. «Os documentos eram conservados por um membro da Associação a cuja casa aquêle deputado foi convocado e ali lhe foram comunicados, com grande espanto seu, pois só dois membros da Associação os conheciam».

Foi depois da revelação d'êles, n'uma energica e brilhante interpelação d'aquêle deputado, que Millerand, o atual presidente da Republica francêsa, clamou que o sistêma de delações que o combismo instaurára, era *o regime abjecto*.

Com vista...

* *

Caixas Rurais

As Uniões Católicas das Caixas Rurais tomam de dia para dia grande incremento. A francêsa, cujo conselho geral acaba de reunir sob a presidencia do deputado Caron e do Bispo de Beauvais, acusam no ano passado a adesão e fundação de 79 novas Caixas, e um movimento de dezenas de milhões de francos a mais.

Na Alsacia, onde o incremento d'esta obra social é muito notavel, o movimento de fundos excede um bilião de francos. Os mesmos progréssos se verificam na Alta Italia e no *Baerenbond* da Flandres belga, o que tudo vem provar que as Caixas economicas e de crédito, ao contrario do que muitos pensavam, teem-se mantido como necessarias depois da guerra.

Em Portugal, ha anos, os católicos chegaram a fundar algumas. Porque não continuar?...

* *

Cardeal Gasparri

Passou no dia 6 o 25.º aniversario da consagração episcopal do ilustre secretário de Estado da Santa Sé.

Desejava o ilustre purpurado ir reviver as recordações d'êsse dia no recolhimento d'uma casa religiosa, pois o Cardeal não é só (digam o que disserem os geniais más-linguas de Lisboa), um fino diplomata mas um sacerdote piedosissimo.

Pio XI quiz testemunhar-lhe significativamente as suas felicitações e assim o fez na dedicatoria de artistico presente.

O Cardeal-Secretario foi sagrado bispo em Paris pelo Cardeal Richard. Leão XIII chamou-o da delegacía apostolica do Equador para lhe confiar a secretaría dos negocios eclesiasticos extraordinarios, a mais dificil talvez depois da de Estado. Pio X incumbiu da codificação do Direito Canonico aquêle que é sem duvida o primeiro canonista da Egreja, e em 1907 fê-lo Cardeal. Bento XV, á morte do eminente e saudoso Cardeal Ferrata, quiz que êle fôsse o seu Cardeal-Secretário, cargo em que o Papa atuál o manteve, desmentindo assim todos os precedentes historicos.

* *

Sindicátos eclesiásticos

Como não se vê termo ás negociações entre a França e a Santa Sé para o estabelecimento do chamado *estatuto legal*, o Cardeal Maurin, bispo de Lião e Santo Estevam, resolveu refugiar a sua ação eclesiástica no direito comum, criando, á sombra da lei, um sindicato de eclesiásticos.

Já a Associação dos Pastores Protestantes de França criára um sindicato pastoral. O siudicato tem por fim a «defêsa dos interesses da profissão eclesiastica».

A diocése de Viviers já constituira outro. Os sindicatos teem plenas faculdades de administração de todas as obras diocesanas e de adquirir e receber legados, segundo a lei de 1920.

Na *Ordem*, do Porto, levantou-se polemica sobre o assunto. No entanto não seria mau que os católicos, em vez de disputarem entre si, cuidassem a sério de aprender n'estes bons exemplos aquilo que fôr adaptavel.

* *

Na Terra Santa

O comissario inglês e judeu Herbert Samuel está promovendo nos logares santos uma obra anti-religiosa que traz toda a gente alarmada. Nas escolas implantou a irreligião, obrigando as populações a contribuirem para elas. A imoralidade pompeia na cidade de Jerusalem, em cafés, casinos, danças, cinematógrafos e casas de prostituição. Estabeleceu-se o divorcio, sob a fórma seguinte: o católico faz-se scismatico e a pretexto de que o bátismo por infusão é inválido, é rebátisado, vindo a unir-se com outra pessoa ainda em vida do primeiro conjuge.

Pessoas que regressam de Jerusalem dizem que «já não é a mesma cidade».

Eis a obra do sionismo internacional alimentado pelo dinheiro dos Rokfeller e outros argentários judeus do mundo, com a complacencia da Inglaterra e da America do Norte.

* *

Convertido ilustre

Chérix, doutor em Friburgo (Suissa) protestante convertido ao catolicismo, acaba de publicar um livro notavel—*A arca da aliança*.

E' um livro comovedor, sendo notaveis as referencias á génese psicologica da religião, revelada ao principio da autoridade, á filosofia do simbolismo, á estética da liturgia e á Eucaristia. São verdadeiros poemas em prosa á maneira de Paulo Claudel

O livro produziu grande sensação nos meios intelectuais de Genébra, que é a Roma do calvinismo.

* *

Outras noticias

O Papa recebeu no dia 1 o Nuncio em Madrid, Mgr. Tedeschini, conversando largamente com êle ácêrca da situação da Egreja em Hespanha, e encarregando-o de exprimir os seus melhores sentimentos de simpatía á familia real.

E' sabido que *El Sol* e certas gazetas monarquicas regalistas d'áquem fronteiras procuraram atar intrigas contra Mgr. Locatelli a uma suposta má situação de Mgr. Tedeschini em Madrid, chegando a dizer que, idos a Roma, nem um nem o outro tornariam aos seus cargos. Mgr. Locatelli regressou e o nuncio de Madrid volta agora... pela segunda vez.

— O Bispo de Lourdes, Mgr. Schoepfer, recebeu a Legião d'Honra das mãos de um seu velho e querido amigo, o marechal Foch, que no áto, em calorosa alocução, pôz em relevo os serviços prestados pelo ilustre prelado á França.

— Acaba de ser eleito por unanimidade secretário perpétuo da Academia Franceza, René Doumic, grande critico literario e católico praticante.

— Reuniu em França a corporação dos publicistas cristãos. René Bazin ausente, assumiu a presidencia Jorge Guyan. O primeiro pediu para ser substituido. A reunião foi brilhantissima.

Sciencia para todos

QUANDO TROVEJA...

Agora que as companhias de electricidade por toda a parte aumentam o preço dela, parece-nos oportuno consagrar esta crónica á eletricidade de borla que aí temos, na atmosfera.

Quando troveja o leitor já alguma vez pensou no que seria essa formidavel energia, se pudesse ser captada e distribuida aos domicilios?

Falemos, pois, de relampogos, raios e trovões, por mais que isso pareça fóra de proposito neste primaveril 19 de março em que estou escrevendo.

Que comprimento tem — primeira curiosidade—essa fita luminosa a que chamamos relampago? E' variavel, mas chega a atingir 18 kilometros!

E quanto tempo dura um relampago? Um miléssimo de segundo. E' com justa razão, diz o cronista que vamos seguindo, que na linguagem corrente se usa em todos os paizes, a comparação do relampago para significar uma duração excessivamente curta; no Evangelho, Nosso Senhor invoca tambem esta comparação do relampago que percorre num instante todo o ceu, quando quer fazer compreender bem como será rapido e inesperado o advento do Filho do Homem no juizo final.»

Precisemos melhor: medidas feitas por sábios francêses ou alemães, nos ultimos vinte anos, mostraram que a duração dos relampagos vai desde um milesimo a um 30000mo de segundo! Muitas vezes, porem, a descarga é oscilante: depois de um vivo relampago produz-se outro logo, menos brilhante, seguindo o mesmo trajecto, depois um terceiro, etc. Schmidt observou uma série de 8 relampagos de intensidade decrescente, sucedendo-se com intervalos regulares de um milesimo de segundo.

Notemos de passagem que um relampago cuja fita luminosa não levasse mais que um 30000mo de segundo a percorrer uma distancia de 10 kilometros percorreria o espaço com a velocidade de 300.000 kilometros por segundo, que é a velocidade da luz e das ondas electricas; o relampago com certeza não pode exceder esta velocidade que é a maior conhecida.

Será a velocidade do relampago precisamente a mesma que a das ondas electricas e da luz? E' um ponto de fisica ainda não iluminado.

Como conseguem os sabios medir durações tão breves como a do relampago?

Pega-se num disco fosco de 10 centimetros de diametro e traçam-se nele em cruz duas linhas brancas de 2 milimetros de espessura; dispõe-se o disco com um movimento de relojoaria de forma que gire com a velocidade de 50 voltas por segundo. A' luz do dia ou duma lampada só se verá um disco uniformemente pardo. Mas observe-se de noite, á luz dos relampagos: a cada relampago simples a cruz aparece bruscamente e tão nitida como se estivesse imovel; ora, se o relampago durasse um 50mo de segundo, o disco apareceria pardo sobre toda a superficie, visto que cada um dos quatro ramos da cruz branca teria tempo de percorrer todo o disco; isto já sucederia num 200mo de segundo, visto que êste tempo basta a cada ramo da cruz para percorrer um quarto do disco; logo, visto que á luz do relampago os ramos da cruz não são visiveis senão como traços nitidos e não escalonados, é signal de que o relampago tem uma duração excessivamente breve; compreende-se assim que o disco em movimento permita medir essa duração exactamente.

A serie de 8 relampagos com intervalos exactos de um milesimo de segundo manifestou-se pelo aparecimento, (simultaneo por causa da persistencia das impressões luminosas sobre a retina) de 8 cruzes brancas regularmente decalcadas; sendo uma delas mais brilhante.

Fotografando relampagos de noite com um aparelho fotografico aberto, que se mova continuamente, o relampago instantaneo regista-se sob forma dum traço perfeitamente nitido; mas a sua imagem é acompanhada ás vezes em todo o seu comprimento duma orla menos visivel devida aos relampagos multiplos que seguem imediatamente a primeira descarga.

E quanto dura o trovão? E de que provém esse estrondo? O traço de fogo aquece o ar na passagem e dilata-o com uma instantaneidade explosiva, dando origem em todo o seu cumprimento a um deslocamento sonoro.

O relampago é breve mas o trovão dura muito mais tempo, segundo o comprimento da fita inflamada e segundo o lugar do observador.

Mas se o relampago é mais breve que o trovão, o trovão pouco mais breve deve ser que estes artigos, por isso fica o resto para a semana.

M. N.

CÁ POR DENTRO

O «Seculo» em bolandas

Foi o caso da semana passada. O *Seculo* pertence, como se sabe, a uma *Sociedade Nacional de Tipografia*, lindo nome que encobre a realidade menos linda dum sindicato de moageiros.

O sr. Cunha Leal era director do *Seculo* e permitiu-se escrever um artigo contra a ganancia dos moageiros. Os patrões não gostaram e Cunha Leal insistiu. Foi-lhe notificada a demissão, recebeu os 214 contos de indemnisação que tinha estipulado no contrato—e o *Seculo*, hoje dominado por um hespanhol, o sr. Peig, que era ha pouco o seu maior credor, lá continúa ao serviço da moagem e de quem pagar.

Viva o augusto sacerdocio da imprensa! Vivóóó!...

E já agora, em atenção ao sr. Peig e aos moageiros: viva a patria! Viva o pobre povo! Vivóóó!

◇

Desastre em electrico

Um carro electrico, em Lisboa, matou uma creança de 5 anos, Elisa da Conceição, que ao regressar do colegio, vendo a mãe do outro lado da rua em que ia, atravessou, não reparando no electrico que passava.

O carro passou-lhe por cima e a morte foi instantanea. O pae, louco de dôr, correu á rua de pistola em punho alvejando o guarda-freio, que acossado por ele e pelo povo esteve a ponto de ser linchado.

◇

Madame Caillaux

Sob o nome de madame Lenoir esteve em Lisboa e partiu no dia 19 para Paris, Madame Caillaux, a esposa de Caillax, o chefe radical francês exautorado como traidor á patria. A senhora vinha seguida por quatro policias francêses, visto desconfiar-se que tratasse de obter aqui documentos reservados que estiveram guardados em cofre, diz o *Diario de Noticias*.

Hum! Documentos, cofre, esposa do amigo de Afonso Costa!... Aqui ha coisa!

◇

Um camion que se volta com 40 pessoas

Escaparam de boa umas quarenta pessoas que iam num camion, da Guarda para a Aldeia dos Trinta, que se voltou precipitando-se por uma ribanceira, ficando o camion tão desmantelado que quasi não tem concerto. Ha muitos feridos, alguns com gravidade, com fracturas de braços, pernas, espinha, etc. Só faleceu dos ferimentos um passageiro, José Joaquim Loureiro.

◇

30 batisados num só dia

No proximo domingo de Pascoa o rev. Antonio Barros, da Azambuja, batizará solenemente 30 creanças de ambos os sexos, entre 5 e 12 anos; é muito louvado, dizem os jornaes de Lisboa, o zelo deste sacerdote.

◇

Um José dos Borregos féra

Que féra deve ser um tal José dos Borregos, de Cafede, concelho de Castelo Branco, que trazia por guardador de gado a um neto, de 13 anos André dos Reis. Eram taes os maus tratos que infligia á criança, que esta suicidou-se enforcando-se numa figueira.

Que Borrego e que avô!

◇

Revolução em Loanda

Como Loanda *ainda* é nossa, vae nesta secção. Parece que correram boatos de ter estalado uma revolução em Loanda, tendo-se travado combates e ficando muita gente ferida. Parece que o objectivo era matar o Alto Comissario, sr. Norton de Matos.

◇

Um morto-vivo

Em Coutumil, perto do Porto, foi encontrado sem fala um guarda das agulhas da estação ferroviaria.

Tomaram-no por morto e levaram-no em maca para a Misericordia do Porto. Ali, ao ser colocado sobre uma mesa, o *morto* ergueu-se, contou que levara uma trombada duma locomotiva, pegou na maca em que viera e levou-a ás costas para Coutumil.

◇

Miudezas

Está em Lisboa o sr. Conde de Pinheiro Domingues, um dos nossos mais ilustres compatriotas, residentes no Rio de Janeiro.

— Por causa das greves dos manipuladores de pão, prevenções da policia em Lisboa.

Houve em Lisboa três atentados dinamitistas, um na rua da Madeira, 192, em casa de Hermano Franco; outro numa padaria na Rua Saraiva de Carvalho; outro na rua do Instituto industrial. No primeiro morreu o operario metalurgico Antonio dos Santos, de 24 anos, de Pedrogam Grande.

—Apezar de terem obtido 60 por cento de aumento, continuam em greve os padeiros de Lisboa.

—Fez as suas despedidas ao Presidente da Republica, o dr. Pedro Martins ministro junto do Vaticano.

—O ministro das colonias, Rodrigues Gaspar insiste em abandonar o governo.

—Na quinta dos Ferreiros, em Ceia, uma alcateia de lobos atacou um rebanho comendo vinte ovelhas! Que tal era o apetite!

—Vae brevemente a Espanha o sr. Bispo de Leiria.

—Um boi de um lavrador de S. Martinho do Bispo apanhou um coice tal de uma mula de artilharia 2, que morreu instantaneamente. Valente mula!

—A casa do motor da fabrica de descasque de arroz em Coruche foi destruida por um incendio.

—No Algarve os gatunos arrombaram um armazem e roubaram 1.500 quilos de miolo de amendoa dôce—amargo bocado para os donos do armagem: a Sociedade Exportadora de Fructas.

—A companhia dos telefones de Lisboa foi autorizada a aumentar em 20 % as suas tarifas.

—Um figurão, no Porto, servente do Minho e Douro, tentou matar a mulher e pô-la fóra de casa, de madrugada, com seis filhinhos. A policia acudiu aos gritos da mulher e... pena é que não tenha prodigado ao figurão meia duzia d'aquelas franchadas que ás vezes vão mais mal empregadas.

—O ministro do Comercio visitou o museu Camiliano, em Seide.

—Em Lisboa, um estrangeiro, constando-lhe que as obras de uma instituição de benificencia estavam paradas por falta de verba, mandou para elas 1500 escudos.

Uma gralha curiosa

Só quem não trabalha em jornaes ignora como é facil escapar uma troca de grancis, dando como resultado *gralhas* ás vezes terriveis. Ora vejam esta, que veiu estampada num jornal de Noumêa:

UM GRANDE CASAMENTO

«Dois garotões, G. e S. entreteveram-se hontem a tarde, em torturar o cão do distincto e estimado funcionario M. Z.: atacaram-lhe uma velha cassarola á cauda e meteram-lhe petardos nas orelhas.

Um grande numero de pessoas amigas vieram apresentar-lhes os seus cumprimentos e os votos da maior felicidade, aos quais, respeitosamente juntamos os nossos».

E, mais abaixo:

DOIS CRETINOS

«Hontem celebrou se na egreja paroquial o casamento de M. H. com mademoiselle Helena R.

«Estes dois imbecis foram conduzidos por um agente ao posto de policia, onde joi levantado um auto contra eles.

Esperamos que os mandem para uma casa de correcção, reflectir sobre a estupidez do acto que acabam de praticar».

No genero, é de primeira...

Um bom jornal

é um bom amigo a que nunca deve fechar a sua porta uma familia boa. Propaguem o nosso jornal.

A MATA DO CABRIL

Que má hora é esta que pésa sobre a linda terra de Portugal!...

Parece que o vento do infortunio, qual soão que sopra rijo lá fóra, se compraz varrendo de Portugal sentimentos e caratéres que a epoca mercantil presente destila em pobres e miserandos farrapos de papel!...

Crime ou insania, inconsciencia ou despreso, teem sido as alavancas poderosas alçapremando anti-patrioticamente o patrimonio artistico do Paiz.

E que rico ele era, para levar tantos anos de titanicas e diabolicas arremetidas á destruição de joias portuguesas, como se fossem hervas daninhas.

Coube agora a vez á Mata do Cabril—a maior e mais arvorizada e mais bela que possuimos.

A Mata do Cabril—que em si contem essa extraordinaria ilusão de optica, a que ouvimos chamar *Castelo fantastico* e cuja descrição ouvi, feita pelo sr. José Cerqueira Machado,—a alma apaixonada de artista que vem sendo o fulcro do protesto que se está levantando contra o **crime de lesa-Patria** da sua venda criminosa—a Mata do Cabril unica em Portugal, de naturaes encantos como os não ha, dizem, em terras da Europa, mais frequentadas pelos turistas.

Pois, dessa mata que só maus portugueses poderiam sonhar destruir, mas que só estrangeiros ousariam ter coragem para assistir á sua destruição, uma parte acaba de ser vendida por selvagens!

Não! que os selvagens me perdoem a afronta involuntaria!

Não! que nem estes o ousariam—porque os selvagens guardam ciosamente a sua terra que defendem a preço de sangue e vida.

Não! que os que premeditaram executaram e consentiram nessa venda, que destroe parte da Mata do Cabril, são mil vezes mais selvagens, porque revelam a mais baixa, sordida, miseravel e ignobil ambição.

Ambição e roubo!

A venda da parte dessa Mata por 150 contos... é simplesmente... uma refalsada roubalheira, pois que a Cabril vale, em calculo á tonelada e preço por unidade, segundo afirmam pessoas competentes. quantia superior a 20.000 contos.

De mais: os vendedores — os membros da Junta de Parochia de Lindoso (1)—venderam o que não era seu: *Venderam o que pertencia a Portugal*—ao seu patrimonio artistico. — **Crime de lesa-arte**.

Mas se assim não quizerem considera-lo, o roubo, que cometeram, permanece.

E' que a mata do Cabril não pertence á junta de Lindoso.

O «inventario a que se procedeu em 7 de Agosto de 1876» (2) declarou «proprietaria da Mata do Cabril a Camara Municipal de Ponte da Barca».

Ha, porem, interesses pessoaes ligados a essa *criminosa venda*?

Não direi que os ha, nem que os não ha.

Mas que os houvesse, e ainda que os não houvesse. **é nula de pleno direito** essa criminosa venda: *o vendedôr vendeu o que a outrem pertencia*. (3) A não ser que a declaração a que me refiro *já não tenha valôr*—o que haverá de provar-se.

Contra este crime de **venda de propriedade alheia;**

Contra este **crime de lesa-Patria;**

Contra este **crime de lesa-arte;**

é preciso que, como diz a frase popular, se levantem as pedras das calçadas.

Não! não! e não!

Revolta-se o meu patriotismo; a minha qualidade de minhôto e regionalista—amigo da sua Provincia—ao pensar sequer que as entidades a quem pertence a defeza dos **Bens nacionaes** cruzem os braços ante tal crime.

Não! não! e não!

Que de norte a sul do Paiz se levante a voz poderosa de toda a Imprensa Portugueza, no cumprimento d'um dos seus mais instantes deveres: *a defeza do Patrimonio artístico de Portugal.*

Com este semanario podem contar para essa campanha, justa, merecida e portanto necessaria.

E' preciso fazer acordar aquêles que dormem o sôno da indiferença ou a catalepsia da conveniencia.

Haja rigoroso castigo para com os **contratantes,** e se entre estes os ha estrangeiros d'além Gerez, diga-se-lhes bem alto e energicamente que Portugal não consente o alheamento d'uma unica parcela do seu patrimonio artistico!

Diga-se-lhes que vão traficar para onde quizerem—menos dentro das fronteiras que a espada dos guerreiros da Conquista, da Independencia e da Restauração, marcaram a traços de sangue á Terra Portugueza.

A. de N.

(1 e 2) «Uma representação á Camara da Ponte da Barca», assinada pelo sr. José de Castro.

(3) Oficio da Camara Municipal de Ponte da Barca, em resposta á representação.

A Palavra do Semeador

Domingo de Ramos

EVANGELHO

Naquele tempo tendo-se aproximado Jesus de Jerusalem e a Bethfagé proximo ao monte das Oliveiras enviou então Jesus dois discipulos, dizendo-lhes: Ide á aldeia que esta defronte de vós, e logo achareis uma jumenta prêsa e um jumentinho com ela; desatai-a e trazei-mos, e, se alguem vos disser alguma coisa, respondei que o Senhor precisa d'eles, e logo vo-los deixará trazer.

Mas tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que tinha sido annunciado pelo profeta, dizendo: Dizei á filha de Sião: Eis que o teu rei vem a ti, manso e montado sobre um jumento, sim, sobre um jumentinho, cria duma jumenta.

E indo os discipulos, fizeram como Jesus lhes ordenou. Trouxeram a jumenta e o jumentinho, e pozeram sobre eles as suas capas, e o fizeram assentar em cima.

Então o povo que era muito, uns estendiam as suas capas no caminho, e outros cortavam ramos de arvores e os lançavam na estrada. E as turbas que iam adiante, e as que vinham após dele chamavam dizendo:

Hosana ao Filho de David!

Bemdito o que vem em nome do Senhor;

Capitulo XXI—1.a—10.

Comentário

A lição do dia...

Entre ramos de palma, vivas jubilosos, aclamações vibrantes do povo, Jesus lá vai passando ruas de Jerusalem em fóra.

Estranho facto este!

Aquele mesmo que nascera na hora calada da meia noite, n'uma irradia cabana das cercanias de Belem, e que por primeiras saudações tivera as palavras simples dos pastores da serra, e silenciosamente fugira para o Egito e ao quererem-no as massas aclamar rei se retirou d'élas, é precisamente o que hoje se ergue entre a turba em ar de triunfo, entre verduras, flôres e aclamações.

Era só um dia... só uma hora... um simples relampago... A cruz lá vinha com toda a sua esmagadora realidade!...

—::—

Imagem fiel da vida do homem e, designadamente, da vida cristã!

O ordinario, o pão nosso quotidiano deve ser a vida humilde, recolhida, mansamente decorrida na oração e no trabalho, que é ao mesmo tempo meritorio, providencial e consolador.

Mas se, na sua bondade infinita, Deus ordena que um dia tenhamos a iluminar a nossa jornada um relampago de gloria, não nos desvaneçamos com ele. Quem sabe se além não virá um Calvario com uma cruz...

Bombeiros Voluntarios

Comemorando o aniversario da sua fundação a briosa corporação dos Bombeiros Voluntarios de Guimarães, mandou celebrar uma missa a que assistiu a corporação acompanhada pela sua banda de musica; que executou uma bela composição durante o acto religioso.

De tarde procedeu-se á inauguração do retrato do benemerito desta corporação e nosso amigo sr. Simão Pinheiro Ribeiro de Guimarães.

E' bem merecida esta homenagem pela qual felicitamos o homenageado.

Não emigrem!

Só em Soissons (França), ha mais de mil operarios portuguêses sem trabalho e sem onde dormir!

Zé Ninguem, que deve ser alguem que muito bem conhece os problemas nacionais, como os leitores sabem por uma ou mais cartas que d'êle temos publicado, envia-nos, sobre a emigração, as seguintes linhas, que nos apressamos a pôr ante os olhos dos nossos operarios:

... Senhor.

Em um dos seus ultimos numeros lamentou *A Epoca* que a corrente emigratoria estivesse arrastando para fóra do paiz tantos operarios e trabalhadores que, seduzidos por falsas miragens, teimam em ir procurar em França trabalho que lhe não falta a dentro das nossas fronteiras, esperando encontrar lá uma situação melhor, a fortuna, talvez. Pois bem: para desengano dos que se deixam imbuir de tão lamentaveis sonhos, rogo a V... se digne pôr-lhe deante dos olhos as seguintes passagens d'uma carta que acabo de receber de um operario, excelente mecanico e *chauffeur* habilissimo, que, tendo estado lá durante algum tempo na ocasião da guerra, teimou em voltar agora, levado por enganadora ambição.

Este rapaz, que aqui deixou mulher e um filho, ia com intenção de ficar em Paris, mas foi parar a Saint-Baudry, Soissons, d'onde me escreve. Transcrevo textualmente, para lhe não tirar o sabor:

"Ainda só hoje tive ocasião de lhe escrever, do que lhe peço desculpa, pois que, como sabe, aqui onde estou as comodidades foram-se com a guerra; eu não quiz ficar em Paris porque, segundo se dizia, aqui os trabalhos eram melhores, o que no fim de contas eram muito peores, mesmo do que eram em Paris, no entanto, já que estou, fico, para não me dar mais despezas, e até agora tenho estado doente, mas já estou um pouco melhor e tambem já tenho trabalho... no entanto os trabalhos, aqui, *para as artes de construção civil está muito mau; só aqui em Soissons ha pelo menos alguns mil ou mais homens sem trabalho e sem terem onde dormir, naturalmente sem dinheiro para pagarem o que custam os quartos. Comer, vão comendo alguma coisa que os outros lhe dão, os que teem trabalho...* Eu, como sou bom *chauffeur*, como V... sabe, já tenho trabalho, mas o francez, que é bicho esperto e *egoista*, faz o seu jôgo *para pagar uma tuta e meia...*

Por isso peço a *V...* que se lhe pedirem informações no que diz respeito a trabalho, que diga aos enganados que tudo está muito mau e quem não souber falar francez *mesmo pela policia é mal recebido Alguns ha que não podem parar em parte alguma por não terem documentos d'estabilidade e a policia se negar a dar-lh'os. Outros, na fronteira são enviados ao Rhur.*

Creio que basta o que ahi fica para animar os que desejam partir.

Reitero-me com a maior consideração e respeitosa estima

De V... etc.

ZÉ NINGUEM.

(De «A Epoca»).

Circulo Catolico

A Direcção deste circulo, mandou celebrar na Egreja de S. Domingos, pelas 9 e meia da ultima segunda-feira 19, uma missa, acompanhada a orgão, e distribuição de esmolas de 2$00 a cada um dos 21 pobres que a mesma Direcção escolheu.

Assim comemorou a festa do seu primeiro Padroeiro—S. José.

Ao acto assistiram bastantes socios do Circulo Catolico, S. José e S. Damaso de Guimarães. senhoras e cavalheiros. Assistiu tambem a Direcção do J. C. de G. com a sua bandeira.

Foi selebrante o sr. Padre Anselmo da Conceição Silva, ilustrado professor do Liceu Martins Sarmento.

Cartões de visita *fazem-se na Tipografia Peninsular.*

Tu não és amigo de César!

A questão das reclamações dos catolicos no Congresso do Partido Nacionalista.

Quem isto escreve conhece o meio politico, as coisas e os homens que constituem o novo partido chamado nacionalista. Conhece os srs. dr. Alvaro de Castro e dr. Antonio Correia que a ele pertencem.

Ora acontece que disse este ultimo sr. no 1º Congresso do referido grémio partidario que «faz o seu partido terminantes afirmações de concordia, pacificação e tolerancia e pretende a nacionalisação da republica sendo esta para todos os bons e leaes portuguezes»; que «comquanto o Estado seja neutro em materia religiosa, não pode o partido nacionalista deixar de atender que a grande maioria do paiz é catolica; que as reivindicações que os catolicos veem fazendo são justas e de atender. como assim já tem sido apreciadas, pelos republicanos de alma lisa e bôa fé; e muito principalmente essas reivindicações de forma alguma afectuam a supremacia do poder civil».

Isto mete-se pelos olhos dentro. Tem logica e tem visão politica. E porque as tem o sr. dr. Correia mandou a seguinte moção para a meza:

«O Congresso do Partido Republicano Nacionalista deseja e espera que esse assunto seja devidamente considerado tornando-se efectivas as justas e legitimas aspirações dos catolicos portuguezes».

A maioria, dizem os jornaes, aplaudiu. Devia o caso ficar arrumado. Mas outro congressista o sr. Jordão, reputou o Congresso *sem competencia* para *resolver problemas religiosos* e o sr. dr. Alvaro de Castro veio acudir no mesmo sentido invocando que as reivindicações dos catolicos eram inspiradas pelo *jesuitismo!* e que a Egreja deve "pactuar comnosco!!" e que o partido e o Congresso não teem competencia para dizerem se são injustas ou justas as reclamações dos catolicos!!!

O sr. dr. Alvaro de Castro, salvo o devido respeito, esgrimiu como D. Quixote, contra o *jesuitismo*. Não se trata d'isso, mas de uma pergunta muito simples: —o partido nacionalista reconhece que os catolicos, como quaesquer outros cidadãos, teem nesta sua patria, o direito pleno que lhes tem sido recusádo, de se associarem, de praticarem livremente o culto, de ensinarem a sua fé em escolas, o direito de a Egreja possuir e adquirir bens? Isto é que se precisava saber: *sim ou não*, no todo ou em parte. Retorquindo com muita felicidade, o sr. dr. Correia defendeu a sua moção nos seguintes termos que recortamos de um excelente e fiel relato:

«Alguem protesta:

—Isso já está discutido...

—Para V. Ex.ª, que é um espirito muito claro

O orador:

Eu preciso de convencer-me que estou dentro da logica, tratando da questão religiosa.

—A questão religiosa—diz—vae ser discutida no parlamento. A este congresso compete marcar, definir a atitude do novo partido. E' necessario que o Congresso faça ver aos seus parlamentares o que tem a fazer para que se satisfaçam com as aspirações da esmagadora maioria do paiz. *(Aplausos).*

Refutando algumas passagens infelizes do discurso do sr. dr. Alvaro de Castro, como por exemplo a do problema religioso na Italia, diz que não pode haver comparação entre aquele e o nosso paiz.

—Mal vae ao regimen que tem que estar sempre na defensiva. A republica tem perseguido constantemente os catolicos, mostrando assim que os teme.

Refere-se aos patrioticos termos da Pastoral colectiva e afirma que se devem atender as reivindicações dos catolicos, não por misericordia mas por dever.

—O districto de Portalegre, que era o mais republicano, está caindo nas mãos dos monarquicos, por via das perseguições religiosas. Se o Estado é neutro, para que ataca a Egreja?

—Entre nós—diz—já se vin o espectaculo repugnante e infame de se prohibir o habito talar aos sacerdotes portuguezes, permitindo-o aos estrangeiros. *(Calorosos aplausos),*

A referencia do sr. dr. Alvaro de Castro á Italia é descabidissima. Na Italia a Egreja pode adquirir bens. Aqui não. Na Italia, Mussolini mandou recolocar ha pouco os crucifixos nas escolas. Aqui não. Quanto aos elogios que o sr. Alvaro de Castro fez aos monarquicos constitucionaes, nós *pasmamos com as turbas* porque eles equivalem a desauctorisar o 5 d'Outubro que aboliu a monarquia da Carta. Se o grande perigo do paiz não é a perda das colonias, não é a ruina financeira, a desordem politica, o cáos economico, a indisciplina social, a tyrania radical; se o perigo é a *hydra*, isto é a *reacção*, e se a monarquia da *Carta adorada* era *liberalissima*, por a combater, negando á Egreja um certo numero de essenciaes direitos, como o de adquirir bens, e pervertendo pelo regalismo burocratico a vida cultual e a educação do clero; se Pombal e Aguiar condemnando á morte, á miseria e ao exilio as congregações que florescem no Brazil, em França, na Italia, na Suissa, nos Estados Unidos, etc., foram *liberaes*; — então... para que se fez a Republica?!...

O sr. Alvaro de Castro foi historicamente logico, mas não logicamente *liberal* porque o *liberalismo* não é a *liberdade*, como o *capitalismo* não é o *capital.*

Não se venha dizer que o partido nacionalista desconhece as reivindicações catolicas, como se disse na resolução do Congresso e que por isso não podia pronunciar-se sobre elas. A's comissões parlamentares que apreciaram o projecto do Centro Catolico sobre os bens eclesiásticos pertencem os srs. Pedro Pita, Sampaio Maia, Cunha Leal e Barros Queiroz que *são nacionalistas.* E as reivindicações são quase diariamente lembradas na imprensa. A resolução do Congresso é um sofisma que prejudicou o partido, embora os parlamentares nacionalistas possam ulteriormente pronunciar-se sobre o caso com clareza. Os catolicos é que natural e fundádamente esperavam outra coisa de um partido que se anuncia conservador e moderado, como antagonista do democratismo dominante!

Não lhe é isto importante para a sua propaganda e para o seu prestigio? Zelou-o o sr. dr. Correia. Desdenhou-o o sr. dr. Alvaro de Castro. Ficamos com o primeiro e bem acompanhados, contra o segundo.

Ha 1923 anos, para decidir contra Christo a tibieza covarde do pretor de Tibério, alguem lhe bradou:

—Tu não és amigo de Cesar!

E Pilatos entregou Jesus á turba. E 1923 anos decorridos ainda o brado é o mesmo... para decidir os politicos. Os sectários da Judeia gritaram para fazerem capitular a consciencia do magistrado romano: «Se tu não és contra ele e não o entregas á morte, não és amigo de Cesar!» Agora um anticlericalismo que já ninguem toma a serio, porque é excrecencia de uma mentalidade que a civilisação moderna do nosso seculo XX já não admite, ousa gritar aos ouvidos dos politicos:

—Se tu não és *laico*, não és amigo da Republica, porque sêr republicano é acreditar na *intangivel*, é admitir o divorcio e cantar a sua influencia dissolvente na Cidade e na Familia; é celebrar a escola sem Deus, n'uma hora em que o ministro Leão Benard da instrução publica em França manda ensinar nas escolas a existencia de Deus e a imortalidade da alma (vid. o *Diario Oficial* de 15 de março corrente); é *laicisar*, profanar templos; é confiscar bens eclesiásticos; é lançar em almoeda á voracidade dos novos-ricos os passaes do Clero nacional; é colocar os catolicos, a maioria da nação, á margem de toda a lei e de todo o Direito comum!

Foi esta ameaça que perturbou o sr. dr. Alvaro de Castro. Lamentamo-lo. Norton de Matos, democratico, acaba de decretar em Angola que junto de cada missão protestante se abra uma escola catolica, e ainda ha um mez saúdava nos Padres da *Congregação* do Espirito Santo os pioneiros da civilisação portugueza. E' que o anticlericalismo é privilegio da metrópole onde o Direito não existe, ofuscado pelo liberalismo radical, mas não serve como genero de exportação para as colonias...

Por nós, não mudamos de opinião, e neste sentir d'aqui saúdamos o sr. dr. Antonio Correia por ter defendido a Verdade e Liberdade, com raro desassombro, no Congresso.

M. C.

Praticas

Começaram sexta feira e não na quinta como por lapso anunciamos, as praticas promovidas na paroquial da Oliveira, pelo Apostolado da Oração, sendo oradores os Rev.os Conego Dr. João Lourenço Insuelas e Dr. Avelino Gonçalves, distintos oradores sagrados da visinha cidade de Braga.

O horario é o seguinte:

De manhã: ás 5 horas missa comunhão e pratica. De tarde: ás 6 ¼ exposição do S. Sacramento, terço, pratica e benção. A' noite: ás 7 ½, terço, benção do SS. e pratica. Estes atos á noite, são só para homens e realisam-se na Egreja de S. Francisco.

CORRESPONDÊNCIAS

Candoso, *(S. Martinho)*, 20

Em serviço de sanidade esteve nesta freguesia o digno sub-delegado de saude Sr. Dr. Martins Fernandes.

—Na residencia do nosso bondoso paroco, está-se procedendo a vacina do povo desta freguezia, devendo realisar-se perto de 200 vacinações.

—Cumprimentámos ha pouco o director deste semanario, sr. Eugenio Vaz Vieira.

— Ouvimos dizer que se pensa realisar em S. Jorge de Selho, freguesia visinha, uma conferencia, pela qual ha grande anciedade nas freguezias de Serzedelo, Selho, (S. Jorge e S. Cristovão) Gondar, Silvares, Paraiso e Mascotelvo.

Consta-nos que desta freguezia concorrerão bastantes pessoas, caso essa conferencia se realise, como tanto desejamos.

Para tomar parte na Procissão de Passos, esteve em Guimarães no domingo. 17, o nosso Reitor sr. Padre Antonio Abreu Guimarães.

C.

Calendario religioso da semana

25—Domingo de Ramos.—Côr roxa.—Na Missa Cr., Prefácio da Cruz, ultimo Evangelho da Benção dos Ramos (excepto na Missa que segue imediatamente aquela Benção, em que se diz no fim o Evangelho de S. João).

26—Segunda-feira da Semana Santa.—Côr roxa.—Na Missa cr. 2.a *Ecclesiae* ou pelo Papa, Prefácio da Cruz.

27—Terça-feira da Semana Santa.—Côr roxa.—Na Missa cr. 2.a de S. João Damasceno, Conf. e Doutor, Pref. da Cruz.

28—Quarta-feira de Trevas.—Côr roxa. —Na Missa cr. 2.a de S. João de Caspistrano, Conf., Pref da Cruz.

29—Quinta feira de Induenças. — Côr roxa, mas á missa côr branca.—Na Missa *Gloria e Credo*, Pref da Cruz, Comunhão geral.—Desmudação dos Altares.—*Lava pedes.*

30—Sexta-feira da Paixão.—Côr preta. —Paixão, Adoração da Cruz, e Missa dos Pressantificados.

31—Sábado de *Aleluia.*—Côr roxa, mas á Missa e seguintes funções côr branca.—Benção do Lume novo, da Cirio pascal, Profecias, Benção do Pia baptismal e Ladainha dos Santos—*Inicio do tempo pascal.*—Missa com *Gloria*, sem *Credo*, Prefacio pascal, no fim *Ite Missa est, aleluia, aleluia* (que se diz durante a semana toda, até sabado *inclusivé).*

ABRIL

1—Domingo de Páscoa.—Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo.—Côr branca.—Na Missa *Credo.*

Oficina de S. José

Devido ao estado de saude do sr. Conde de Margaride, muito digno Presidente desta casa de caridade, não se realisou no dia de S. José a costumada festa anual.

Pedindo as melhoras do venerando enfermo foram oferecidas nesse dia as comunhões dos educandos e pela mesma instenção se realisou a hora da adoração.

Um bom jornal

é um bom amigo a que nunca deve fechar a sua porta uma familia boa. Propaguem o nosso jornal.